

O CONCEITO DE “LIBERDADE” EM *O SER E O NADA* DE SARTRE: UM RECORTE A PARTIR DO FAZER, DO TER E DO SER

THE CONCEPT OF “FREEDOM” IN *BEING AND NOTHINGNESS* BY SARTRE: A PICTURE SET FROM DOING, HAVING AND BEING

Vinícius Renaud*

Esta comunicação foi apresentada no *II Seminário de Pós-Graduação em Filosofia dos alunos de mestrado da Universidade Federal Fluminense (UFF)*, ocorrido entre os dias 23 e 27 de setembro de 2013. O que se propôs foi apresentar o modo como Sartre tematiza o conceito de “liberdade” na quarta parte de *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Ainda que a liberdade seja o tema da filosofia sartriana como um todo, e esteja presente em toda a sua obra (filosófica ou ficcional), no trecho do ensaio supracitado, o autor aborda especificamente a questão de um modo bastante objetivo e esclarecedor, iluminando e correlacionando a temática da liberdade com os principais conceitos de *O ser e o nada* (e, sobretudo seus escritos das décadas de 1940 e 1950).

A quarta parte de *O ser e o nada*, intitulada “Ter, fazer e ser”, expõe a liberdade concreta, em situação, em oposição a uma liberdade abstrata. Ter, fazer e ser são categorias cardeais da realidade humana, que permitem clarificar a conduta do para-si buscando, incessantemente, ser um em-si-para-si. Sartre diz que com isso se pode entender o para-si a partir da ação, em que esta é pura expressão da liberdade. A liberdade, nesse sentido, é compreendida como nadificação, não tem essência, daí a crítica de Sartre a toda forma de determinismo. Em Sartre, a liberdade não é uma qualidade ou característica a mais no homem, como se, além de ser homem, se fosse livre. O homem é livre, liberdade e homem são a mesma coisa na filosofia sartriana, em que se fazer, agir, ou seja, escolher, é tentar ser definitivamente – o que resulta em ser condenado à liberdade e fracassar. A partir do modo como Sartre tematiza a liberdade, é possível entender que um motivo ou móbil só pode fazer sentido e ter importância para uma ação-escolha segundo um determinado projeto

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: viniciusrenaud@gmail.com

original do para-si (de tentar ser um em-si), o que acaba por expor os conceitos de “angústia” e “responsabilidade” correlacionados à liberdade.

Articular o conceito de “liberdade” com o ter, o fazer e o ser ajuda a entender, de certa forma, o pensamento sartriano principalmente entre os anos 1930-1950 – período em que lança e defende suas teses sobre a precedência da existência em relação à essência, a dessubstancialização da consciência, uma radical confrontação com teorias deterministas e a experiência humana em sua concretude. Segundo Cassiano Reimão (2005, p.125), “a ideia básica do percurso filosófico de Sartre é a liberdade. Onde nós somos aquilo em que, pelo exercício da liberdade, nos tornamos”.

Em *O ser e o nada*, Sartre desenvolve o que seria seu tratado de fenomenologia ontológica. Tendo por intuito elaborar uma teoria geral do ser, influenciado sobretudo pela fenomenologia de Husserl e a analítica existencial de Heidegger, acaba por, ao interrogar o fenômeno de ser, e o ser do fenômeno, chegar à realidade na forma de uma dualidade ontológica, duas formas de ser: ser-em-si e ser-para-si. Valendo-se da teoria da intencionalidade husserliana, Sartre parte de uma premissa: a consciência é consciência de alguma coisa. Em que o para-si seria a consciência, enquanto o em-si seria representado sempre por essa “alguma coisa que não a consciência”, na forma de uma realidade externa à consciência.

A consciência seria um tipo de ser, dessubstancializado, sempre remetido para fora de si, em busca de seu ser, definitivo – a consciência seria o ser-para-si no sentido de ser presença a si e ser o ser em que seu ser está permanentemente em questão – a consciência seria separada de seu si por um nada. Já o em-si seria marcado por três características: o ser é, o ser é em si e o ser é o que é. O ser-em-si seria pleno e estável, “confiável”. Essa dualidade ontológica é marcada por uma relação que, por parte do para-si, tenta realizar uma síntese de se tornar um ser-em-si-para-si. Vale salientar que, na filosofia sartriana, essa tentativa de síntese é sempre fracassada, dada a característica do para-si, que de acordo com a sua constituição, ou seja, nada, efetua-se como negação da realidade externa, como transcendência do em-si, ou de sua situação.

Em seu ensaio de fenomenologia ontológica, o ser seria o em-si, enquanto o nada seria o para-si. O nada não brotaria do próprio ser, e sim de um outro pólo ontológico que precisaria trazê-lo ao mundo, manifestá-lo – este elemento seria a realidade humana. O

homem condiciona a aparição do nada, mediante condutas interrogativas, que trazem ao modo a possibilidade de negação. Nas palavras de Sartre, em trecho de *O ser e o nada* (p.72): “Não existe momento da vida psíquica em que não apareçam, ao menos a título de estruturas secundárias, condutas negativas ou interrogativas”. A interrogação revela o não saber e o não ser do homem. De imediato, pelo menos uma dupla possibilidade de resposta negativa – o que dá a perspectiva à realidade humana de estar permanentemente rodeada de nada, com a constante possibilidade do não ser.

O não ser se revela a partir das possibilidades na relação homem-mundo, ou seja, a partir da tentativa de síntese para-si-em-si. O nada vem ao mundo a partir da realidade humana, em uma relação pontual, concreta, de uma consciência com o dado, a partir da revelação da possibilidade da negação, sendo esta sustentada pelo não ser – o nada é fundamento da negação. O homem é o ser que condiciona o aparecimento do nada por ser um ser que tem por característica ser esvaziado de conteúdo, indeterminado. Por essa indeterminação, que revela o homem como ser que não é suficientemente, pode se definir a liberdade. Nesse sentido, por meio do homem, enuncia-se a liberdade, uma vez que a realidade humana é marcada por um modo de existência desprovida de substância, de *a priori* orientador.

Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim, condição exigida para nadificação do nada, a liberdade não é uma *propriedade* que pertença entre outras coisas à essência do ser humano [...] A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do *ser* da ‘realidade humana’. O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘*ser-livre*’[...] precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita que condiciona sua aparição (SARTRE, 1997, p.68).

A liberdade expõe a condição ontológica do para-si, que é ser destituída de ser, de um em-si, de uma essência. O para-si, para chegar se constituir como ser, ou seja, conquistar essa essência, precisa construí-la, conquistá-la, já que o homem é, simultaneamente, lançado, jogado ao em-si, mas de imediato o transcende, uma vez que posicionar um objeto já é negá-lo, pelo menos, como diferente de si. Na verdade, toda negação ocorre segundo um fundo de nada decorrente do projeto de ser do para-si. Daí a realidade humana constituir-se como um fazer-se, ou seja, “fazer ser”. Como Sartre frisa ao

longo de todo *O ser e o nada*, a liberdade não é uma categoria ou mais uma característica do para-si, é sua constituição ontológica. A liberdade não é, exerce-se, pois o para-si, mediante a ação, transcende sua situação, em busca de, por intermédio de suas escolhas, alcançar o que supostamente seria o ser-em-si-para-si. Com isso, chega-se na necessidade de abordar especificamente o modo de acontecimento do para-si como agir, já que a liberdade, ser do para-si, se revela como ação de transcender a realidade externa, o dado, o em-si como situação.

Na quarta parte de *O ser e o nada*, intitulada “Ter, fazer e ser”, Sartre se dedica, em seu primeiro capítulo, “Ser e fazer: a liberdade”, a investigar a ação humana, ou melhor, como o agir exprime o modo de existência da realidade humana. Segundo Sartre (1997, p.536), “agir é modificar a figura do mundo, é dispor meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto”. A ação revela-se como intencional, de acordo com o que Sartre chama de projeto original, ou fundamental, que nada mais seria do que o projeto particular, concreto e pessoal de cada para-si, o orientador das condutas e escolhas secundárias, a partir de uma escolha primária, mais originária.

Aqui vale o esclarecimento de que Sartre compreende o para-si como um para-si-para-outro, ou seja: o para-si constitui-se a partir da experiência de ser olhado pelo outro, mediante a experiência de sofrer o olhar do outro, constitui-se minimamente como em-si, em que se sente como objeto, embora não saiba que tipo de objeto é, uma vez que esse significado só pertence ao outro, é vedado ao para-si ter acesso ao modo como o outro o tematiza como em-si. E essa relação ocorre de forma recíproca, daí Sartre entender a relação com o outro, ou a relação entre consciências, como essencialmente conflituosa. “O inferno são os outros” porque o outro desaloja o para-si de seu próprio mundo, ou seja, o encaixa em uma nova relação de instrumentalidade e utilidade que é própria ao projeto existencial do outro, e não mais do para-si. Este deixa de ser senhor da situação.

Nesse sentido, Sartre vai dizer que o para-si, na verdade, é um ser para-si-para-outro, pois é mediante o outro que para-si pode ser constituído como em-si. No entanto, essa mediação, essa relação, ocorre via o corpo: é por intermédio do corpo do para-si que o outro o tematiza, o capta e o captura como objeto sensível. E o corpo, segundo Sartre,

expressa o ser do para-si como ser em situação, o expõe como um ser-aí, lançado ao mundo, localizado. Daí a realidade humana ser um ser-para-outro como corpo. O corpo expressa a facticidade da consciência, como o partir do que a consciência irá se posicionar e, conseqüentemente, transcender a sua própria situação. Como exemplifica Sartre (1997, p.560-561): “A fadiga nada mais é do que a maneira como existo o meu corpo [...] Tenho em forma de fadiga uma consciência não posicional (de) esse corpo, que regula minhas relações com o mundo e significa meu comprometimento no mundo”.

O para-si é comprometido com o mundo não porque opta se comprometer ou se engajar, mas sim porque, como consciência, em relação permanente de intencionalidade (ou seja, existir para fora de si, a partir de uma realidade dada externa a si) é, obrigatoriamente comprometida com esta realidade específica, com sua situação concreta. Conforme salienta Paulo Perdigo (1995, p.88): “Sendo a consciência também corpo, e não pura abstração, é a ação desse corpo que separa o esboço de um projeto da concretização desse projeto”. O comprometimento do para-si se dá necessariamente pelo fato de o para-si ser o ser que se define pela ação. Sua “essência”, precedida pela existência, só pode ser alcançada via uma construção, uma tentativa de conquista, daí o entrelaçamento do “ter”, do “fazer” e do “ser”.

Sartre apresenta, ao longo do capítulo especificamente destinado à liberdade, que o ter e o fazer são modos que o para-si encontra para tentar ser o fundamento de seu próprio ser. Vale lembrar que o para-si é apenas fundamento de seu próprio nada. Mas sua busca pelo ser expressa-se por todas as suas atividades. Fazer-se é fazer ser, enquanto ter é projeto de ter ser. A liberdade impõe ao homem fazer como ação, o para-si existe pelo agir; já o ter, expressa condutas de apropriação de ser.

As atitudes de fazer e ter expressam-se mediante os projetos singulares e concretos de um determinado para-si, e a liberdade, condição primordial da ação desse ser marcado pela ausência de essência e determinação, ou seja, marcado pelo nada, expõe à realidade humana sua total responsabilidade por suas escolhas, já que, se, por um lado, a situação força o para-si a agir, por outro, a liberdade não o faz refém de nenhuma decisão específica, a liberdade desmonta qualquer determinação sobre o agir.

O para-si tem de agir, mas sua ação será uma invenção, uma criação, totalmente desamparada do ponto de vista de um fundamento forte, definitivo, em-si. Assim, o para-si

é absolutamente livre e responsável por sua situação, pois só a reconhece como coeficiente de adversidade ou facilitador de uma ação de acordo com o seu projeto fundamental de ser – esta a única fonte de orientação para suas escolhas, que se constituem na forma de valores, mecanismos de avaliação da facticidade.

O problema é que os valores, ou seja, os indicativos correspondentes ao projeto, também caducam, ou não se sustentam suficientemente como um ser-em-si, não sendo satisfatoriamente estáveis para evitar que a consciência tome consciência de si como consciência de liberdade e, para Sartre, conseqüentemente, angústia. É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade. O para-si se angustia porque descobre que suas condutas, escolhas e decisões não passam de possíveis, para serem tomadas e mantidas, precisam ser permanentemente reafirmadas e sustentadas pelo próprio para-si – que se encontra abandonado e desamparado para agir. Como bem frisa Franklin Leopoldo e Silva (2004, p.31):

“É a solidão do para-si que impõe à consciência o absoluto de sua liberdade, é uma consciência despojada de tudo, aquela que se lança adiante de si por sua conta e risco”. Ser livre, nesse sentido, é sentir o peso de sua responsabilidade sobre seus ombros, sem ter a quem culpar – é nesse aspecto que Sartre diz que a liberdade impõe uma “responsabilidade opressiva” (SARTRE, 1997, p.678).

Abordar as ações humanas a partir desse ponto de vista permite a compreensão do que Sartre denomina “angústia ética”, em oposição à moralidade cotidiana, que conferiria aos valores realidade de fato, uma anterioridade a qualquer decisão, de acordo com o que Sartre chama de “espírito de seriedade”, um modo substancialista e tranquilizador de lidar com os valores – pode-se dizer um modo de apaziguar a tensão resultante da síntese irrealizável do ser-em-si-para-si. Para finalizar, acerca da relação da “angústia ética” com os valores, Sartre sentencia:

Há angústia ética quando me considero em minha relação original com os valores. Estes, com efeito, são exigências que reclamam um fundamento. Mas fundamento que não poderia ser de modo algum o *ser*, pois todo valor que fundamentasse a sua natureza ideal sobre seu próprio ser deixaria por isso de ser valor e realizaria a heteronomia de minha vontade. O valor extrai seu ser de sua exigência, não sua exigência de seu ser [...] o valor só pode se revelar a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhecê-lo como tal. Daí que minha liberdade é o único fundamento dos valores e *nada*, absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela escala de valores. [...] E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos

valores. Além disso, porque os valores, por se revelarem por essência a uma liberdade, não podem fazê-lo sem deixar de ser ‘postos em questão’, já que a possibilidade de inverter a escala de valores aparece, complementarmente, como minha possibilidade. A angústia ante os valores é o reconhecimento de sua idealidade (SARTRE, 1997, p.82-83).

REFERÊNCIAS

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

PERDIÇÃO, Paulo. **Existência e liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

REIMÃO, Cassiano. **Consciência, dialética e ética em Sartre**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.